

RESENHA

LEMM, Vanessa. *Homo Natura: Nietzsche, Philosophical Anthropology and Biopolitics*. Grã-Bretanha: Edinburgh University Press, 2020.

Davi Maranhão De Conti*

Homo natura: Nietzsche, Philosophical Anthropology and Biopolitics é uma obra ao mesmo tempo concisa e de grande fôlego. Em seus quatro capítulos, seguidos por uma conclusão provocativa, Vanessa Lemm discorre sobre temas essenciais para qualquer um que queira pensar sobre pós-humanismo e biopolítica. Fundamentalmente, como a própria autora afirma, sua obra “oferece uma nova interpretação da ideia nietzschiana de *homo natura* como uma resposta à questão kantiana [o que é o ser humano?] que busca evitar um naturalismo reducionista ou cientificista” (LEMM, 2020, p. 3)¹. Voltar-se para o “terrível texto básico *homo natura (schreckliche Grundtext homo natura)*” (ABM 230), nas palavras de Lemm, é considerar algo sobre a natureza humana que é “‘além do bem e do mal’ e que, quando reconhecido pela vida humana, transforma essa vida em algo criativo e, dessa forma, digno de afirmação” (LEMM, 2020, p. 3).

Em “Kantismo, naturalismo e antropologia filosófica”, primeiro capítulo da obra, Lemm lança luz sobre a “mudança que leva da fundamentação transcendental da antropologia de Kant para as reflexões de Nietzsche acerca do *homo natura*” (p. 4). Ela busca distanciar-se tanto das leituras do tema do *homo natura* que gravitam em torno da questão da relação de Nietzsche com as ciências da vida do século XIX – e que percebem na ruptura com o kantismo o resultado da adoção nietzschiana da nova perspectiva representada pelas ciências da vida – quanto daquelas que, em vez de naturalizarem o ser humano como uma entidade biológica sujeita às leis da evolução, consideram-no como radicalmente histórico. Ambas essas interpretações, para Lemm, “separam a questão do *homo* (como transcendental) da questão da *natura* (como empírica)” e, assim, “falham [...] em capturar o rompimento com Kant expresso no *homo natura* de Nietzsche” (p. 6).

Em lugar dessas interpretações, Lemm almeja tratar da “questão antropológica acerca da natureza total (*ganze Natur*) do ser humano”, que se vincula à concepção

* Doutorando pelo programa de pós-graduação em filosofia da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil. Contato: decontidavi@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4351-7053>

¹ Todos os trechos da obra de Vanessa Lemm citados nesta resenha são traduções minhas. É de se acreditar que em breve teremos publicada uma tradução dessa obra.

nietzschiana de vida e de encarnação (*embodiment*) bem como ultrapassa a “dicotomia kantiana entre o empírico e o transcendental” (Ibidem). Ao distanciar-se do debate entre as leituras naturalista e historicista de Nietzsche, por considerar que ambas “separam a questão do *homo* (como transcendental) da questão da *natura* (como empírica)”, Lemm nos conduz por um exame que relaciona “a percepção de Karl Löwith a respeito do projeto filosófico de Nietzsche a uma consideração acerca da trajetória de Foucault, que o levou de sua inicial arqueologia das ciências humanas a sua tardia abordagem biopolítica dos cínicos” (Ibidem). Para a autora, a fórmula nietzschiana do *homo natura* requer um tratamento do autoconhecimento dos seres humanos que abandone a ilusão antropológica que, conforme Foucault, aprisiona as ciências humanas após Kant (p. 15). Por meio de uma investigação a respeito do uso nietzschiano do conceito de *Redlichkeit*, Lemm supõe que o modelo nietzschiano para o *homo natura* e para uma verdadeira investigação da natureza do ser humano pode ter sido inspirado pela antiga prática cínica da *parrhesia*, “em que a vida filosófica expressa uma busca natural, vivida e encarnada (*embodied*), da verdade” (p. 7)

Em “Humanismo além do antropocentrismo”, segundo capítulo da obra, Lemm “discute a compreensão do *homo natura* como uma forma mais natural de vida humana em correlação com a oposição de Nietzsche ao cristianismo, considerado como uma forma antinatural de civilização” (p. 7). Ela interpreta a retradução do ser humano para a natureza presente na ideia de *homo natura* em termos de uma retomada da animalidade e da vida da planta que deslocaria o privilégio da espécie humana no *continuum* da vida. De acordo com a autora (pp. 7-8), o direcionamento de Nietzsche para uma filosofia da vida, bem como para uma biopolítica, “não é determinado pela absorção e aplicação de Nietzsche da emergente ciência biológica”, mas é antes “mediado pela absorção dos resultados das ciências biológicas pela literatura moderna”. A reconceitualização da natureza humana na modernidade literária não se ancora, porém, em uma aliança entre literatura e biologia. Ela expressa, em vez disso, uma nova aliança entre a literatura e a filosofia natural. Conforme Lemm, é em razão dessa aliança entre literatura e filosofia que o modernismo literário bem como a antropologia filosófica puderam preservar uma ideia de natureza (humana) não cientificista (p. 56).

Em “Psicanálise e a desconstrução da natureza humana”, terceiro capítulo da obra, Lemm examina a recepção do *homo natura* na psicanálise freudiana. Apoiando-se na argumentação de Ludwig Binswanger a respeito da natureza humana como *homo natura* em Nietzsche e em Freud, Lemm sugere que o projeto de Nietzsche, bem como o de

Freud, de renaturalização do ser humano e de maneira mais geral da cultura não reflete uma concepção da natureza humana determinada pelas perspectivas das ciências naturais a respeito da natureza. Conforme a autora, Nietzsche e Freud empregam a ciência natural para desconstruir o ideal civilizacional da humanidade como superior aos animais e às plantas, mas colocam-na “de lado quando se trata de reconstruir a natureza humana a partir de sua posição entre os animais e as plantas, porque a ciência natural é incapaz de explicar a produtividade cultural humana” (p. 8).

A hipótese central apresentada nesse capítulo é que o tema da produtividade cultural humana leva tanto Nietzsche como Freud de volta aos gregos e à sua concepção mitológica da natureza como caos. Para Nietzsche, sugere Lemm, “a questão do futuro do ser humano depende da capacidade do ser humano de reencarnar a natureza” (p. 9). De acordo com a autora, “o objetivo da reconstrução nietzschiana da natureza humana como *homo natura* é recuperar uma concepção arcaica da natureza como caos”, “como uma força criativa e abundante que gera vida a partir de si e para fora de si” (p. 100). Lemm acredita que é “pela recuperação dessa força criativa e artística da natureza que Nietzsche espera libertar no interior do ser humano seu potencial para formação e transformação” (p. 101). Para Nietzsche, portanto, a questão do futuro do ser humano dependeria da capacidade de ele reencarnar a natureza.

Em “Biopolítica, sexualidade e transformação social”, quarto e último capítulo da obra, Lemm discorre justamente sobre a hipótese de que, para Nietzsche, a encarnação (*embodiment*) do ser humano é sempre já sexualizada e de gênero. Segundo a autora, “a redescoberta da natureza é [...] inseparável da incorporação de uma nova ideia de sexualidade que é inerentemente transformadora” (p. 9). Se, como ela acredita, a sexualidade, por um lado, é naturalizada em Kant, em Nietzsche, por outro, é a natureza que é sexualizada. Essa concepção de sexualidade, como nota Lemm, é encontrada tanto na perspectiva de Nietzsche a respeito de gênero e sexualidade quanto no discurso sobre o matriarcado de Johann Jakob Bachofen: “em ambos os autores, é possível discernir uma simultânea sexualização da natureza e uma socialização da sexualidade” (p. 9).

Em diálogo com leituras feministas de Nietzsche, a autora mostra que ele é um dos primeiros a identificar uma “biopolítica da dominação, em que a sexualidade e formas associadas de essencialismo a respeito da natureza humana funcionam como um dispositivo de dominação” (p. 9). Além disso, para Lemm, Nietzsche se encontra também entre os primeiros a formular uma biopolítica afirmativa, “em que não apenas a sexualidade não mais se limita por ideias de gênero preconcebidas como também uma

renovada encarnação [*embodiment*] da natureza abre o horizonte para imaginários sociais de libertação e transformação criativa” (p. 9). De acordo com a autora, “Nietzsche rejeita todas as narrativas teológicas e apelos à transcendência que caracterizam os tratamentos metafísico e religioso do sentido da vida humana” (p. 10). Não há, assim, uma essência do ser humano para Nietzsche e o “devir do humano se vincula à relação entre sua produção artística e cultural e noções da natureza como caos e abismo, e é mediado pela animalidade (humana)” (p. 10). Dessa forma, como explica Lemm, a questão kantiana “o que é o ser humano?” se torna, para Nietzsche, a questão “o que é natural para o ser humano?” ou “quem é o ser humano natural?” (Ibidem).

Finalmente, em “Pós-humanismo e a comunidade da vida”, conclusão da obra, Vanessa Lemm examina o pós-humanismo contemporâneo como um discurso crítico, que reúne temas que já se encontravam em Nietzsche:

Uma rejeição – baseada na ideia de um *continuum* entre natureza e cultura – do antropocentrismo, do antropomorfismo e da hierarquia das espécies; uma rejeição do humanismo kantiano em favor de uma visão transformadora e de autossuperação do humano; e, não menos importante, uma intenção normativa que busca redefinir a possibilidade de um sujeito agente em oposição a um mero símbolo de adaptação a dadas circunstâncias, sem o qual o pós-humanismo deixaria de ser um discurso crítico (p. 11).

De acordo com Lemm, contudo, a despeito de o discurso pós-humanista contemporâneo ter no *homo natura* de Nietzsche um precursor comum, são diversos os modos como recupera seu legado nietzschiano de anti-humanismo e antiantropomorfismo². Lemm sugere uma possível representação dessa divisão, que oporia um pós-humanismo “biopolítico” a um pós-humanismo de “assemblagem”. Para a autora, em contraste com o pós-humanismo de assemblagem – que entende o pós-humanismo como “uma nova descrição da especificidade do humano [...] pelo reconhecimento [...] de que *ele é fundamentalmente uma criatura protética* que coevoluiu com variadas formas de tecnicidade e materialidade” (p. 169) –, um pós-humanismo biopolítico possui relevância política atualmente tanto como um discurso crítico “que questiona formas civilizacionais de dominação” quanto como um discurso afirmativo

² Para Lemm (2020, p. 51), “Nietzsche reconcebe a natureza humana a partir da perspectiva de uma noção grega de natureza descoberta de nova maneira, segundo a qual a vida animal e a vida da planta são constitutivas da vida humana. Dessa forma, a antropologia filosófica de Nietzsche é evidentemente anti-humanista (e pós-humanista) na medida em que desconstrói a ideia moderna de um universo construído em torno da noção do ser humano como agente racional e moral”.

“que define novas formas de pensar sobre uma comunidade da vida que é compartilhada por humanos, animais, plantas e outras formas de vida” (p. 11).

Homo natura – Nietzsche, Philosophical Anthropology and Biopolitics é sem dúvida um *tour de force* intelectual. Vanessa Lemm apresenta uma interpretação renovada do *homo natura* de Nietzsche que por meio de uma bibliografia ampla e variada enfrenta com admirável fluidez questões verdadeiramente atuais. A autora não apenas examina pontos nodais de temas definidores da filosofia contemporânea como propõe novas maneiras de encará-los. Lemm lança mão de uma leitura da noção de *homo natura* elaborada por Nietzsche que renova profundamente o legado desse autor para os debates relativos à biopolítica, ao pós-humanismo e ao feminismo. Evidencia-se, assim, não apenas a incontornável presença de Nietzsche no nascedouro de problemas centrais da filosofia contemporânea como também sua inesgotável fecundidade para a renovação desses problemas. É essa uberdade do pensamento de Nietzsche que acima de tudo vem à tona nessa obra que desperta um novo olhar sobre questões ineludíveis.